



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
BRASÍLIA- DF, BRASIL

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



## A contribuição das mulheres para a agricultura Apinajé

*The contribution of women to agriculture Apinajé*

LIMA, Vanusa da Silva.<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Universidade de Brasília, vanusababassu@gmail.com

**Tema Gerador:** Mulheres e Agroecologia

### Resumo

O artigo arranja breve explanação sobre a contribuição da mulher Apinajé no cotidiano das aldeias, sobretudo a lida no roçado com as várias etapas sob a responsabilidade das mulheres. O trabalho tem como objetivo apresentar as atividades de manejo e cultivo de plantação das mulheres indígenas e o impacto de tais ações para a preservação, manutenção e uso responsável do cerrado brasileiro. As situações mencionadas foram observadas ao longo de três anos de convívio com o povo indígena, por meio da observação participante, aliada a entrevistas e relatórios técnicos. Pretendo com isso, afirmar que mesmo sem nomear como agroecologia, as ações por si só confirmam essa dinâmica. Além de apresentar estas mulheres como “mães do cerrado”, as apresento como elos principais na transmissão de conhecimentos tradicionais para as gerações herdeiras do bioma, e de um peculiar modo de vida, convivência responsável, amorosa e harmoniosa com a terra, e todos os seus outros ocupantes.

**Palavras-chave:** cerrado; conhecimentos tradicionais; agrobiodiversidade.

### Abstract

The article provides a brief explanation about the contribution of the Apinajé woman in the daily life of the villages, especially the work in the plantation with the various stages under the responsibility of the women. The objective of this work is to present the management and cultivation activities of indigenous women and the impact of these actions on the preservation, maintenance and responsible use of the Brazilian cerrado. The situations mentioned were observed during three years of interaction with the indigenous people, through participant observation, allied to interviews and technical reports. I want to say that even without naming as agro ecology, actions confirm this dynamic. In addition to presenting these women as “mothers of the cerrado”, I present them as the main links in transmitting traditional knowledge to the biome’s heirs generations, and a peculiar way of life, responsible, loving and harmonious coexistence with the land, and all its other occupants.

**Keywords:** women; traditional knowledge; agrobiodiversity.

### Introdução

Há quase um século o povo Apinajé margeia o rio Tocantins. Ocupa uma área de 143.300 hectares de terras no cerrado brasileiro. O Cerrado brasileiro é a savana mais biodiversa do planeta, com 13.140 espécies de plantas, aproximadamente 3 mil espécies de animais vertebrados e 67 mil invertebrados (MICCOLIS *et. al*, p 16). Atualmente, a região abriga cerca de 470 mil pequenas propriedades rurais, em grande parte pertencentes a agricultores e comunidades tradicionais (...) além de 70 povos indígenas.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



O povo Apinajé, uma população de 1.825 indígenas, segundo os dados do IBGE (2010) convivem de forma harmônica com a terra, divididos em duas grandes aldeias centrais denominadas São José e Mariazinha, reorganizam todas as 39 aldeias secundárias no entorno dessas aldeias centrais.

Os apinajé compõem o grupo que Curt Nimuendajú (1938 apud Rocha, 2016 p.10) denominou de povo timbira. Os timbira foram assim denominados por partilharem de semelhanças linguísticas e culturais, entre as quais estão a língua, o sulco no cabelo, as rodela auriculares, a aldeia circular e a corrida de toras. Nômades em sua própria terra, mudam as aldeias conforme as suas necessidades. Se utilizam dos rios e córregos, animais e plantas como marcadores geográficos na escolha de locais e nomeação para suas aldeias.

### **Panorama analisado**

Os apinajés são exímios coletores e caçadores. Conhecem o cerrado minuciosamente e detêm vasto domínio sobre sua fauna e flora. Para a complementação alimentar cultivam roças. O cultivo das roças não tem finalidade de comercialização do excedente e as mulheres tem grande participação no plantio dos roçados. “A vida das mulheres Apinajé é marcada por experiência relacionadas a atividade agrícola, pois, gasta muito tempo em contato com as plantações. A mulher Apinajé passa boa parte de seu dia, realizando atividades que nutrem o funcionamento das aldeias”, (ROCHA, 2016, p. 10).

Contudo, também são responsáveis pelas roças dos quintais, as “chamadas roças das mulheres”. A proximidade dos pequenos roçados com as casas facilita o manejo diário. Os quintais são uma espécie de “dispensa natural”, e cultivam consorciadas a mandioca várias espécies de aboboras, tubérculos e as plantas para os chás, além de outras que são usadas nos rituais culturais.

Fazem roças para dar conta da segurança alimentar por isso a diversidade, além da mandioca, abobora, timbó, milho, batata, inhame, taioba. Homens e mulheres dividem as tarefas. A derruba e queima fica por conta dos homens, neste momento as mulheres cuidam da alimentação dos mutirões.

A mandioca é um alimento de grande importância cultural, consumido in natura e sobretudo beneficiado, num processo que passa pela pubagem (a raiz é submersa em água por dias consecutivos até chegar em um estado de decomposição) e torrefação para transformação em farinha.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

Tema Gerador 2

Mulheres e Agroecologia



No cultivo da mandioca a presença das mulheres é fundamental. Tem um saber acumulado na forma de colocar a maniva na cova, o tempo lunar, entre outros elementos do saber indígena, secular e tradicional e necessário na manutenção desse cultivar e evidentemente na reprodução cultural do grupo.

Há uma diversidade de plantas nativas, também amansadas por essas mulheres. No cerrado, encontram plantas que alimentam e as medicinais, coletam frutos das mais variadas espécies de palmeiras: buriti, macaúba, açaí, bacaba e babaçu. Muitas destas palmeiras são mantidas na área escolhida para o plantio, assim dão suporte para o cultivo da fava e feijão, muito apreciados entre os apinajé.

A tecnologia utilizada se esbarra na enxada, matraca, foice e machado. Não recebem orientação técnica, não adicionam insumos agrícolas a terra, não debatem temas ligados a agroecologia, sustentabilidade ou bem viver. No entanto, sabem das fragilidades e fortalezas da terra, cuidam da terra como se fosse parte de si. Convivem de forma harmônica, repassam seus conhecimentos de forma lenta e gradual para as novas gerações.

Os Sistemas Agroflorestais, acontecem naturalmente, utilizando uma dinâmica de percepção natural, podendo ser comparado a um dos conceitos adotados pelo ICRAF: “Sistemas baseados na dinâmica, na ecologia e na gestão dos recursos naturais que, por meio da integração de árvores na propriedades e na paisagem agrícola, diversificam e sustentam a produção com maiores benefícios sociais, econômicos e ambientais para todos aqueles quem usam o solo em diversas escalas.” (MICCOLIS *et. al*, p 22).

As APPs são poupadas, não derrubam a mata ciliar. E quando isto ocorre, o reflorestamento acontece através da emergência das palmeiras de babaçu, buriti, bacaba, macaúba, açaí e outras arvores que se reproduzem sem necessidade de manejo planejado.

Convém sublinhar que a continua reorganização social na TI faz o percurso no sentido de também garantir a gestão territorial, inibindo a entrada de invasores em busca da caca e pesca e degradação ambiental.

Os desafios da preservação ambiental em seu território fazem parte do cotidiano, perpassa a área destinada ao seu usufruto. A TI está ilhada por grandes projetos de agropecuária e silvicultura. Os córregos e rios que riscam a área, nem sempre tem as nascentes iniciadas no interior da área.



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF E ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



Nos últimos anos um fator externo, difícil de lidar é o fogo que lambe a terra por dias seguidos. Um inimigo visível e de difícil combate, que compromete a coleta dos frutos nativos, junto a isso a falta de chuvas também tem maltratado a floresta.

A constante investida de outros modos de vida, ou modos de encurtar a vida, diversos aspectos da cultura tem Apinajé tem se perdido, ficando em alguns casos, somente na memória dos mais velhos. A conexão harmoniosa estabelecida pelos Apinajé com a terra, é de sempre.

Muitos dos conceitos difundidos pela ciência ocidental hoje, como gestão ambiental, sustentabilidade, agroecologia, já eram realizados e continuam a acontecer na prática cotidiana desse povo sem se preocupar em dar-lhes nomenclatura. Sempre foram autônomos no seu fazer, que segundo Martins, (p. 260) nos seus modos de vida, são fundamentais para a reprodução desses grupos que elegeram outras dimensões de suas vidas para além da economia de mercado.

### **Metodologia**

Nos anos de 2013 a agosto de 2016, mantive interação formal com o povo Apinajé. Desempenhando a função de Assessora Técnica de Campo, como funcionaria da associação Wyty Cate, Agencia Implementadora de um projeto de compensação ambiental, PBA TIMBIRA/UHE ESTRETO/CESTE.

O PBA Timbira é composto por cinco eixos: fortalecimento institucional, cultural, ambiental, territorial e ambiental. Os povos contemplados com esse projeto são o Krikati, Gavião, Krahô e Apinajé. Dentre o povo Apinajé, as propostas apresentadas com maior frequência foram referentes ao eixo de fortalecimento alimentar. Casas de farinha e manutenção das roças. As mulheres estavam presentes na elaborações de propostas e garantiam que eram o fim mais adequado.

Todas as visitas que realizei para o acompanhamento do desenvolvimento dos projetos, as mulheres marcavam notável presença, apresentando os roçados com muita alegria. Algumas mulheres eram as próprias lideranças comunitárias, na figura política de cacique, ou mesmo quem era destinada para acompanhar todas as atividades da roça.

Um tempo vivido que solicitou de mim paciência pedagógica, observação participante, e sobretudo escuta. Até quando a língua falada não me permitia entender absolutamente nada. Como os bons narradores benjaminianos, fiz da escuta uma grande



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



abertura para a compreensão da composição e mudanças de cenário. A influência do humano na seu meio. “O narrador é, deste modo, imaginado como alguém que vem de longe mas também escuta com prazer” (MAGALHÃES, p. 47).

O que garante a fala nesse processo discursiva sobre tempos de ontem, hoje e do futuro. Fazem desse local de fala, muitas vezes espaços de denúncias, gritos de socorro. Nos relatórios técnicos, cumprindo o meu papel de escriba, registrei.

As mulheres Apinajé, tem papel fundamental na transmissão dos saberes tradicionais. Sistemas tradicionais tem suas próprias regras de atribuições e conhecimento. Bem como os valores são repassado de uma geração pra outra. “Nessa perspectiva a comunicação entre sujeitos só pode ocorrer numa relação de reciprocidade onde há espaços para diferentes saberes” (FREIRE,1978)

Outra percepção é que não há marco temporal para essa pedagogia, que é paciente, respeita e acata: o ensinar pelo fazer e o aprender pelo observar, experimentar. Não existe manuais prévios, e a oralidade é um dos vieses pedagógicos mais utilizados. O cantos e os mitos sobre os períodos de germinação, desenvolvimento e colheita das plantas, até virarem o alimento são utilizados nesse processo contínuo de ensino e aprendizagem.

### **Concluindo**

Não daria conta de explanar sobre tanta complexidade, peculiaridades. As mulheres Apinajé não acessam processo de formação convencional. Não estudam em cartilhas, não repetem termos científicos em seus breves discursos, não conhecem leis para proteção das sementes, todavia as guardam com zelo e cuidado, cuidam da sua germinação.

Posso dizer, a partir do conceito de agrobiodiversidade, que ali ocorre esse processo, porém, com uma gama de espontaneidade que ocorre na experiência da observação da dinâmica do universo, da natureza, do entorno, do meio.

É desse ângulo que suas práticas sobrevivem a tempos de fogo, de falta de chuva, de chuva muita, de envenenamento da área. Quando se orgulham de seus fazeres, se autodenominam guardiãs do cerrado. Peço licença as mulheres Apinajé para inserir um novo termo: mulheres Apinajé, mães do cerrado.

Todavia, quando menciono o referido termo, não me amparo em nenhum teórico, nem mesmo ousar criar novo conceito. Com isso, tento dimensionar o que percebi acerca da relação destas mulheres com a terra. Empenham-se na preservação e conservação



VI CONGRESSO LATINO-AMERICANO  
X CONGRESSO BRASILEIRO  
V SEMINÁRIO DO DF e ENTORNO  
**12-15 SETEMBRO 2017**  
**BRASÍLIA- DF, BRASIL**

**Tema Gerador 2**

Mulheres e Agroecologia



do cerrado com o mesmo zelo que destinam aos seus filhos. Assim também visualizo o processo agroecológico, que começa na terra, com a terra, porém, as sementes germinam no coração.

## Referências

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 9ª edição, Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.

MAGALHÃES, Nancy Alessio. *Narradores: Vozes e poderes de diferentes pensadores*. In: História Oral, n.5, 2002, p. 45-70.

MARTINS, Cynthia Carvalho. *A afirmação identitária dos grupos étnicos na Amazônia: desafios à pesquisa*. Em: Terras e territórios na Amazônia: demandas, desafios e perspectivas / Sérgio Sauer, Wellington Almeida, org. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011, p. 257-276.

MICCOLIS, Andrew [et al.]. *Restauração Ecológica com Sistemas Agroflorestais: como conciliar conservação com produção. Opções para Cerrado e Caatinga*. Brasília: Instituto Sociedade, População e Natureza – ISPN/Centro Internacional de Pesquisa Agroflorestal – ICRAF, 2016

ROCHA, Welitânia de Oliveira. *A vida de NHIRO: etnobiografia de uma cacica Apinajé*. Monografia – Universidade Federal do Tocantins, Campus Universitário de Tocantinópolis – Curso de Ciências Sociais, 2016.